

**V Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão
09 a 11/12/2019, FFLCH-USP, São Paulo-SP**

Grupo de Trabalho: Colonialidade e Prisão

**Profetas do Brasil: Racionais MC's e o lugar das prisões na construção da
democracia antinegro pós-Constituição de 1988**

Marcos Queiroz, IDP e UnB¹

Jordhanna Neris Sampaio Cavalcante, UnB²

Resumo: O artigo pretende compreender como o discurso político cultural dos Racionais MC's incide e disputa a gramática dos direitos na década de 90, tendo como foco o papel que o sistema penal e o cárcere passam a ter na calibragem da democracia e da cidadania no Brasil. Partindo da ideia de que as expressividades negras integram um corpo teórico sobre a realidade, o texto se vale das letras, posturas, discursos e estéticas do Racionais MC's para articular um olhar distintivo sobre as contradições oriundas do marco jurídico inaugurado pela Constituição de 1988. Assim, empreende-se uma leitura de como o cárcere se torna o centro nervoso da construção do outro racializado da nação. O corpo e a imagem do preso/potencial encarcerado são alvos de investimentos biopolíticos, passando a simbolizar o antinacional, o inimigo interno, em uma nova reatualização do projeto nacional antinegro. A construção desse sujeito sem direitos requer a supressão da sua voz, da sua autodeterminação e do seu lugar de enunciação como cidadão. Ele é cada vez mais determinado por imagens e discursos alheios à sua vontade. Neste contexto, o artigo pretende compreender como o Racionais MC's incidiu e tensionou essas dinâmicas, particularmente de três maneiras: a) no contexto da esfera cultura hegemônica do Brasil, o grupo talvez seja a última grande tentativa de articular a voz, as críticas e os direitos dos presos no país, apresentando os impasses e dilemas que estavam colocados naquele momento; b) os Racionais MC's profetizam o lugar constitutivo que as prisões terão para a vida política e os descaminhos da Constituição de 1988 nas décadas seguintes; c) por fim, eles antecipam e permitem um olhar mais acurado sobre os entrelaçamentos entre prisão e periferia na produção racializada da subcidadania no país.

Palavras-chave: Racionais MC's, prisão, sistema penal, racismo, Constituição de 1988

¹ Doutorando em Direito pela Universidade de Brasília, com sanduíche na Universidad Nacional de Colômbia (Programa Abdias Nascimento – CAPES). Mestre em Direito pela UnB (2017). Professor no Instituto Brasiliense de Direito Público e voluntário na Universidade de Brasília. Integrante do Maré – Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro e do Centro de Estudos em Desigualdade e Discriminação (CEDD/UnB).

² Mestranda em Direito pela Universidade de Brasília. Graduada em Sociologia pela UnB (2019). Integrante do Maré – Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro.

Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento.

Lima Barreto, Diário do Hospício.

Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril/ Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil/ Bela Vista, Jardim Angela, Heliópolis/ Itapevi, Paraisópolis/ Ladrão sangue bom tem moral na quebrada/ Mas pro Estado é só um número, mais nada/ Nove pavilhões, sete mil homens/ Que custam trezentos reais por mês cada.

Racionais MC's, Diário de Um Detento.

Introdução

Nas marés agitadas da década de 1990, um fenômeno insurgiu direto do lado sul do mapa, nas quebradas do estado de São Paulo, e foi o ponto de inflexão da música e das descrições sobre a realidade social do Brasil no período contemporâneo. Esse grande evento é o nascimento e a expansão do grupo de rap Racionais MC's. Para além de um contradiscurso, o grupo articula uma contracultura ao projeto moderno no país ao romperem com a forma passiva e espectadora das violências infligidas contra a população negra pelo Estado. Subindo ao centro do palco, afirmam uma postura ética e estética imperativa (PINHO & ROCHA, 2011), que se fundamenta no devir das agências das populações negras na América (GONZÁLEZ, 1988).

Assim, o fenômeno Racionais não emerge somente das ruas de São Paulo ou do metro da São Bento do dia para a noite. Ele é o produto mais concreto das batidas, letras e estéticas que saíram da Jamaica, foram empurradas para os EUA pelas marés e fluxos do Atlântico e sopradas para o Brasil nos meandros da década de 1980. Ou seja, trata-se de um processo transnacional, que conecta e mobiliza povos negros das Américas pela

música e seus territórios, irrompendo, contra-atacando e margeando os projetos racistas e capitalistas dos Estados modernos (GILROY, 2012).

O contexto de emergência do hip-hop no Brasil não destoa das conjunturas jamaicana e estadunidense. Isto é, por um lado o inchaço das cidades e a aparição massiva das periferias na paisagem urbana; violência policial incisiva e viciosa sobre as juventudes negras; desemprego e precariedade no campo das políticas sociais e a reorganização do Estado que, pela via da norma e das leis, orquestrava o ordenamento jurídico direcionado as questões que surgiriam nos novos contextos e configurações sociais (DUARTE e FREITAS, 2018). Por outro lado, havia movimentos políticos, de juventude e organizações da sociedade civil elaborando outras formas e outros caminhos para refletir, lidar e romper com essas realidades. Ou seja, tanto os contextos perversos quanto as insurgências negras transitaram pelas veias da América e atualizaram as formas de conexão de populações que passaram pelo processo violento da colonização.

Neste sentido, o hip-hop é um exemplo primordial da conexão transnacional e do agir comunicativo de populações negras, além de ser a amostra por excelência do enraizamento do Atlântico Negro e dos fluxos da diáspora africana (GILROY, 2012). No entanto, para além dos fluxos marítimos que conectam América do Sul, Caribe e América no Norte, essa movimentação de contracultura se espalhou para os interiores dos territórios, fazendo o movimento de ir da costa para dentro e encontrar materialidade na terra, no chão concreto onde pisavam esses sujeitos. Assim, o hip-hop é parte de um campo político intelectual negro mais abrangente (RENTERÍA, 2013), articulador de um contrapúblico subalterno que tem como elemento constitutivo o entrelaçamento entre ética e estética, política e cultura, rasurando os parâmetros binários e maniqueístas da modernidade.

É justamente no campo de batalha da articulação da modernidade no Brasil que os Racionais MC's entram na disputa: confrontando, tensionado, reapropriando, criticando e negando o legado e os significados do projeto moderno no território brasileiro. Em termos de identidade nacional, a modernização brasileira significou um emparedamento discursivo e cultural a respeito dos negros (pretos e pardos, como fomos categorizados) sob novos enfoques no discurso da mestiçagem. Essa, antes vista como degeneração e causa impeditiva da civilização nos trópicos (MUNANGA, 2008; DUARTE, 2017), passou a ser entendida como o melhor aspecto da peculiaridade brasileira (DUARTE, 2011; GONZALEZ, 1983). Essa peculiaridade daria provas

concretas de que aqui negros, brancos e indígenas conviveriam em perfeita harmonia e que o racismo não era um problema nacional (NASCIMENTO, 1978; MOURA, 1988).

Neste contexto, a uma primeira vista, dois olhares disruptivos sobre a modernidade brasileira emergem da trajetória e da obra dos Racionais MC's. Primeiramente, o seu discurso estético confronta diretamente os usos e sentidos da mestiçagem no Brasil, especialmente os lugares diluidores e apaziguadores dos diversos tons da negritude. “Um bastardo, mais um filho pardo sem pai”. Mais um “Negro Drama”. Pretos e pardos como negros, coletivizados em uma identidade que emerge da materialidade das relações raciais no país. Das estatísticas, que apontam a cisão desses grupos em relação aos brancos. Para os Racionais, não há espaço para meia conversa, pacificadora sob o doce discurso mestiço de democracia racial: a linha de cor aqui é real, violenta e mutiladora. Sai de cena a mestiçagem para emergir a autoinscrição de pardos e pretos – negros – conscientes do racismo, os quais dessa consciência tecem uma outra narrativa possível sobre a “singularidade brasileira”.

Em segundo lugar, mais do que um ponto de inflexão sobre a identidade nacional – e suas consequências na música, sob aquilo que Acum de Oliveira chamou de fim da canção (OLIVEIRA, 2015) –, ao atuarem na condição de agente letrado (SOUZA, 2011) e intelectual orgânico (PINHO & ROCHA, 2011), os Racionais apontam para a construção da teoria social em outras territorialidades e corporeidades possíveis. A universalidade do conhecimento produzido pelo acadêmico branco na universidade é posta em questão diante daquela teoria que é construída pelo sujeito negro na periferia. E neste movimento, que balança e bagunça as divisões fáceis entre sujeito e objeto, há um corpo teórico baseado na aproximação, na sobrevivência e na experiência ocular do cotidiano vivido.

Como será explorado mais abaixo, essa perspectiva, expressa por meio de letras, discursos e posturas, dá densidade às formulações sobre a sociedade, o Estado e o direito produzidas pelos Racionais. Ademais, na medida em que, até muito recentemente, a criminologia crítica e a sociologia da violência permaneciam cegas à problemática racial, o grupo se apresenta como um dos analistas mais qualificados dos processos em curso no pós-redemocratização no Brasil. Destaca-se a visão sobre o papel que, a partir dos anos 90, o cárcere, a segurança pública e a política de drogas viriam a ter como mecanismos raciais calibradores da cidadania e da democracia no país.

Assim, além de descrever a realidade, os quatro garotos – à época jovens – das periferias paulistas acompanharam e interpretaram gradativamente as mudanças no cenário econômico, político e social do Brasil na década de 1990. O advento da abertura democrática, as mudanças legislativas no campo penal e, sobretudo, os efeitos das políticas de drogas sobre as quebradas, em que as linhas entre perifas, prisões e necrotérios se tornam cada vez mais tênues, são fenômenos vividos, interpretados e reelaborados na experiência político cultural dos Racionais MC's. Para além da comunicação e aglutinação das juventudes em torno das mensagens, esses *griots* contemporâneos debateram gradativamente sobre as metamorfoses e continuidades que permeavam o cenário brasileiro no período posterior à Constituição de 1988.

Racionais MC's, isto é, Mano Brown, Edi Rock, KL Jay e Ice Blue, conhecidos como os pretos mais perigosos do Brasil, fizeram do rap o “maior veículo de comunicação entre os nossos irmãos”. E nesse fazer *griot* anunciaram a realidade do tempo presente, comunicaram as metamorfoses do Estado brasileiro e profetizaram o futuro. Neste sentido, esse artigo busca realizar uma primeira aproximação exploratória sobre o que diz e como diz a estética dos Racionais. Inquirir, especialmente, como essa estética interpelou a grande trava racial da democracia no pós-1988, o sistema penal, e o seu artefato mais nuclear, as prisões.

01. A trilha sonora dos anos 1990: o percurso até *Sobrevivendo no Inferno*

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor/ O homem me deu a favela, o crack, a trairagem/ As arma, as bebida, as puta/ Eu?/ Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática/ Um sentimento de revolta/ E tô tentando sobreviver no inferno (*Gênesis (Intro)*). In: Racionais MC's, 1997).

A contracultura estética do Racionais não dá meia volta. Desde o primeiro álbum do grupo, *Holocausto Urbano* (1990), a crítica à democracia racial e ao economicismo das análises dos sociólogos já possui destaque, demarcando uma compreensão na qual o racismo é agente fundamental na construção das disparidades e dinâmicas sociais.

O sistema é racista, cruel/ Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus/ Os sociólogos preferem ser imparciais/ E dizem ser

financeiro nosso dilema/ Mas se analisarmos bem mais você descobre/
Que negro e branco pobre se parecem mas não são iguais (*Racistas Otários*. In: Racionais MC's, 1990).

O cárcere e o racismo, essa aliança característica das novas roupagens da organização política e controle dos corpos no período democrático, não tardaram a aparecer na estética do grupo, muito menos a denúncia da suspensão da Constituição de 1988 nas periferias. "Pois a lei é suja e segue mal interpretada". Mesmo com a presença ativa do movimento negro disputando os novos marcos legais e uma agenda alternativa das políticas públicas, a ordem normativa perpetuava o pacto entre as elites, onde a vida e a liberdade negra são moedas de troca (NERIS, 2018; FLAUZINA, 2017; 2019).

O segundo álbum, *Escolha seu Caminho* (1992), traz dois polos na mesma capa. Um onde os quatro racionais aparecem sentados numa mesa organizando entorpecentes ilícitos em varejo – com uma mensagem de “diga não à violência e às drogas”. Outro, na contracapa, onde os quatro estão com livros, estudando. Nas referências a Malcom X como um líder intransigente, na reivindicação da racionalidade de sujeito com “voz ativa” e na postura de se colocar como jovem negro que rompe com os marasmos da realidade, esse sujeito letrado toma para si a responsabilidade de ser agente na concepção e construção de outra realidade, rompendo publicamente com a falsa ausência de conflitos.

Essas denúncias e alternativas construídas desde o primeiro álbum se manifestam já na capa de *Raio X do Brasil*, terceiro álbum do grupo, antes mesmo das músicas serem tocadas. A cadeia abarrotada é a imagem que apresenta esse álbum, representação literal da dissecação do país, que na década de 1990 passava pelo aumento da população carcerária, com sujeitos em sua maioria negros (IPEA, 2018). As músicas “Fim de semana no parque” e “Homem na estrada” são descrições mais alongadas sobre o cotidiano nas periferias, gradativamente transformado pela chegada de outros elementos em cena, os quais mudaram as dinâmicas e sociabilidades dos moradores:

Aqui não vejo nenhum centro poliesportivo/ pra molecada frequentar nenhum incentivo/ o investimento no lazer é muito escasso/ o centro comunitário é um fracasso/ mas se quiser se destruir está no lugar certo/ tem bebida e cocaína sempre por perto (*Fim de Semana no Parque*. In: Racionais MC's, 1990).

(...) Equilibrado num barraco incômodo, mal acabado e sujo/ porém seu único lar, seu bem e seu refúgio/ cheiro horrível de esgoto no quintal/ por cima ou por baixo, se chover será fatal/ um pedaço do inferno aqui é onde estou... Não confio na polícia, raça do caralho! / se eles me acham baleado na calçada/ chutam minha cara e cospem em mim/ e eu sangraria até a morte, já era, um abraço/ por isso minha segurança eu mesmo faço (*Homem na Estrada*. In: Racionais MC's, 1993).

Drogas, violência policial e a ausência de políticas públicas semantizavam a estética política do Racionais no momento em que o grupo lançou um disco divisor de águas da história da música brasileira: *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997. Mais de 1 milhão e 500 mil cópias vendidas. Clipe premiado na MTV, com a canção “Diário de Um Detento”. Reconhecimento da crítica e o acesso a salões ainda inóspitos para o rap brasileiro. Do vestibular da Unicamp ao Papa. Mas mais do que isso: andar na rua das grandes metrópoles brasileiras nos anos 90 era topar com o moletom preto, escrito Racionais MC's e estampado com a cruz da capa do álbum. Moletom vestidos por corpos negros que, nos seus ziguezagues pelas Torres de Babel, davam a dimensão da experiência universal que foi *Sobrevivendo no Inferno* para a juventude periférica daquele período.

De “Jorge é de Capadócia” ao “Salve”, reverenciando os pretos de todas as periferias do Brasil e afirmando que “as grades nunca vão prender nosso pensamento”, o disco é, sem simplismos, a explicação concreta da democracia pós-1988. Iniciado com a “bíblia velha e a pistola automática” como ferramentas para sobreviver no inferno – não ao inferno, mas no próprio inferno –, essa etnografia conta como as dinâmicas da periferia estavam sendo radicalmente modificadas pelo tráfico, quais caminhos eram tomados pelo Estado e quais deveriam ser percorridos pela população negra, principalmente a juventude: “nossa raça está morrendo mais cedo/ não me diga que está tudo bem” (*Periferia é Periferia*. In: Racionais MC's, 1997).

A racionalidade racial da diáspora africana (GILROY, 2012), historicamente negada pelas teorias eugênicas e posteriormente pela cultura hegemônica da modernidade, encontram neste disco um momento singular e potente. Consagrado como “o evangelho da periferia” (OLIVEIRA, 2018), o álbum começa, assim como o script da Bíblia, com a descrição do mundo, seguido dos males que surgem e perturbam as dinâmicas e sociabilidades, perpassando normativas e caminhos que deveriam ser

seguidos. Entrelaçando os papéis de *profeta* e *griot*, a obra prima do Racionais MC's finca os pés no presente olhando para o passado, bem como reflete sobre as continuidades violentas que iriam se perpetuar, caso a realidade não fosse radicalmente modificada.

Esse disco interpela as suspensões constitucionais e os limites dos direitos humanos para quem é negro e pobre, ao passo em que explica o crime e o tráfico como possibilidades perante a miséria e o desemprego. A grande chave interpretativa desse momento se encontra na compreensão da morte e do cárcere como um desfecho trágico e comum, a profecia autorrealizável (CARNEIRO, 2005), que baliza as experiências, posturas e discursos da juventude periférica. A proximidade e uma perspectiva não moralizante da morte percorrem todo o álbum, sendo evidenciada em momentos chaves, nos quais o eu lírico contador de histórias está morto ou prestes a morrer. Músicas que são memórias póstumas do genocídio brasileiro. É assim, teorizando sobre o social a partir da concretude do cotidiano periférico ou carcerário, que o disco constrói a ambientação para uma das canções mais representativas dos descaminhos e desenganos da democracia pós-1988: *Diário de um detento*.

02. O Quarto de Despejo do Inferno: *Diário de um detento* e os tons da democracia no Brasil

Ratatatá, Fleury e sua gangue/ Vão nadar numa piscina de sangue/
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia três de outubro,
diário de um detento (*Diário de um detento*. In: Racionais MC's,
1997).

05 de outubro de 1988. Promulgação da Constituição de 1988. Sonhos de uma nova cidadania.

03 de Outubro de 1992. Massacre do Carandiru. 111 corpos tombados no chão.

Quatro anos é o lapso. Euforias distintas. Utopias e pessimismos. Entre tempos e sentimentos, o que essas duas datas dizem sobre a Nova República no Brasil? Quão fundante é o 03 de outubro de 1992 em relação ao 05 de Outubro de 1988? A data do massacre do Carandiru dimensiona os limites democráticos do marco constitucional. Ela inscreve na realidade os novos desdobramentos da linha de cor, que, cada vez mais,

passam a ser agenciados pelas políticas de extermínio, legitimadas sob o discurso da segurança pública e da guerra às drogas (DUARTE e FREITAS, 2018).

Como aponta Acum Silvério de Oliveira (2018), junto com a Chacina da Candelária (23 de julho de 1993) e a Chacina de Vigário Geral (29 de agosto de 1993), o Massacre do Carandiru revela o núcleo constitutivo do projeto nacional, reatualizado sob o novo marco constitucional, que tem como traço distintivo o genocídio da população negra. Enquanto a opinião pública hegemônica aplaudia a truculência policial nessas tragédias, a periferia compreendia que essas ações não seriam “apenas” uma exceção, mas um padrão estatal, que ia se tornando cada vez mais normalizado ao longo dos anos. Na estruturação desse modelo, quebradas e prisões passavam a ser assimiladas dentro de um mesmo campo contínuo (FREITAS JR., 2017), atravessado pela construção de imagens racistas e pela violação cotidiana de direitos constitucionais. Assim, o disco *Sobrevivendo no Inferno* não é só uma resposta interpretativa a esses fenômenos, na medida em que é também a elaboração de uma ética agonística e premonitória sobre a lógica genocida da sociedade brasileira. E a música *Diário de um detento* é o clímax desse contragolpe.

Ao longo do disco, os Racionais elaboram e popularizam uma forma de narrar e estetizar a periferia. Com a emergência ativa do sujeito periférico enquanto eu lírico, rasurando os olhares construídos a partir de fora, a estética do grupo significa um ato de retomada da própria imagem por esses sujeitos. Consequentemente, esse ponto de vista, comprometido com sua comunidade, rompe com as tradições identitárias nacionais reverberadas pela música brasileira, especialmente a ideia de conciliação e harmonia racial por via da mestiçagem (OLIVEIRA, 2018). Em *Diário de um detento*, essa lógica dá um passo adiante, pois aquele que canta não é só um sujeito periférico, mas aquele que caiu nas malhas do sistema criminal, um preso do Carandiru na data do Massacre. O 02 de outubro de 1992 é o ponto de articulação da crítica e o modelo de análise da sociedade brasileira, dos seus pactos, mentiras e descaminhos. O intérprete é o detento, o discurso, o seu diário, e a sua ética é transmitida pela palavra cantada.

“São Paulo, dia primeiro de outubro/ De mil novecentos e noventa e dois/ Oito horas da manhã” (*Diário de um detento*. In: Racionais MC’s, 1997). Um dia antes do banho de sangue. A ênfase nas datas e nos lugares permite uma reperiodização e reespecialização da história do Brasil, assim como a elaboração de outros marcos interpretativos. Ao conectar a prisão às periferias de São Paulo, como nos versos que abrem esse artigo, a territorialização poética do grupo aponta como o cárcere subordina,

sequestra e conecta forçadamente uma multiplicidade de territórios e experiências periféricos. Nesse emparedamento, encaixota-os em uma única identidade negativa. O sujeito periférico cada vez mais é visto como potencial preso; o preso só pode ser aquele que vem das periferias. Nesse processo, articula-se a permissão de tratá-los de maneira equânime em termos de suspensão de direitos. Há um efeito bomerang e retroalimentador na construção das imagens e das práticas institucionais em torno das quebradas e das prisões.

Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe/ Cachorros assassinos,
gás lacrimogêneo/ Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio/
O ser humano é descartável no Brasil/ Com modess usado ou
Bombril/ Cadeia guarda o que o sistema não quis/ Esconde o que a
novela não diz (*Diário de um detento*. In: Racionais MC's, 1997).

Mais não bastam apenas imagens. A reinscrição subalternizante da raça na realidade depende de práticas concretas de gestão da violência contra os corpos negros. E neste sentido, como aponta os Racionais, a cadeia é um artefato da morte que age em dois sentidos. Primeiramente, ela é uma espacialidade que permite recriar a descartabilidade e a matabilidade de certos sujeitos. Neste espaço, uma série de hábitos, técnicas, tecnologias e abordagens são entendidos, testados, ensinados e transmitidos, informando uma cultura institucional de gestão, morte e descarte de corpos negros. Ela é o espaço primordial onde um funcionário do Estado – o policial ou o agente penitenciário – aprende a se comportar como soberano, ou seja, aquele que tem o poder de suspender a aplicação da lei e substituí-la por aquilo que julga conveniente em determinada ocasião. É nela que se ensina a possibilidade de tornar cotidiana essa soberania, especialmente naquilo que ela tem de mais particular: retirar vidas humanas sem que isso gere qualquer tipo de responsabilidade jurídica ou política (AGAMBEN, 2010; MBEMBE, 2017). O projeto genocida do Estado brasileiro depende dessas escolas da morte para se perpetuar e se aperfeiçoar. Escolas que reatualizam e ritualizam o papel da raça na reafirmação do poder soberano, disseminando e articulando racismo e soberania nos diversos níveis de ingerência do aparato bélico e repressivo do Estado.

Ratatatá, sangue jorra como água/ Do ouvido, da boca e nariz/ O
senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez/ Morreu de brucos no

Salmo 23/ Sem padre, sem repórter/ Sem arma, sem socorro/ Vai pegar HIV na boca do cachorro/ Cadáveres no poço, no pátio interno/ Adolf Hitler sorri no inferno/ O Robocop do governo é frio, não sente pena/ Só ódio, e ri como a hiena (*Diário de um detento*. In: Racionais MC's, 1997).

Além da crueza a respeito da política de extermínio, essas estrofes seguem a linha de outros trechos de *Sobrevivendo no Inferno*, em que a proximidade com a morte é ponto de inflexão ético e normativo sobre a sociedade brasileira. Aqui entra o segundo aspecto apontado por Racionais a respeito da cadeia como artefato da morte, especialmente no contexto brasileiro pós-Constituição de 1988. “Quem vai acreditar no meu depoimento?”, pergunta-se o detento testemunha do 03 de outubro. Há a percepção de algo que está se passando – um fenômeno profundo, caudaloso, mas fundamental para o devir da democracia no Brasil. Fenômeno que articula a política de morte e encarceramento com a gestão e supressão das vozes dissonantes, particularmente a do preso. O Massacre do Carandiru é data que funda a impossibilidade da voz do detento na sociedade brasileira. Supressão da sua voz e, conseqüentemente, da verdade que ele carrega.

É interessante notar que, ao longo dos anos 90, as reivindicações dos presos cada vez mais são afastadas do espaço público brasileiro. Ainda que mínima, havia uma abertura para que os encarcerados articulassem suas compreensões sobre o sistema carcerário e sobre as violências e abusos ali cometidos, inclusive com espaço na mídia hegemônica do país. No entanto, com o passar dos anos, essas vozes são cada vez mais suprimidas, passando a ser, no máximo, intermediadas por terceiros. No geral, são abafadas por uma grande política de silenciamento (RAMOS, S. *et al*, 2017). A proliferação de violações de direitos no sistema carcerário e o correspondente papel que o sistema penal passa a ter na agenda política brasileira, legitimados sob os discursos punitivos, de que “bandido bom é bandido morto” e do “direitos humanos para humanos direitos”, só são possíveis com o banimento do preso da esfera pública nacional. A supressão do discurso próprio é sempre o primeiro ato de estratégias racistas e o que irá permitir, lá na ponta, o disparo do gatilho de uma arma contra um corpo que é tido como subhumano. Sendo a comunicação a condição humana primordial, o confinamento da voz do preso reatualiza a sua situação de indignidade, pulverizando-a

sobre os sujeitos que são assemelhados e tidos como detentos em potencial, no caso, os sujeitos negros periféricos.

Dentro desse contexto, a música *Diário de um detento* possui um significado mais abrangente, na medida em que ela se insere nas encruzilhadas da democracia brasileira nos anos 90. Se, por um lado e após o Massacre do Carandiru, articulavam-se estratégias de silenciamento das vozes dos presos, os Racionais esteticizavam o diário de um sobrevivente da chacina do 03 de outubro. A poética do cantar falado permitia que a literatura mais crua sobre a realidade, no caso a escrita do testemunho e o diário, fosse escutada nos quatro cantos do país. Nas rádios, nos toca-discos, nos opalas, nas caixas de sons, nas equipagens dos DJs e no videoclipe (de sucesso absoluto, vindo a ganhar dois prêmios no VMB da MTV de 1998: Melhor Vídeo de Rap e o prestigiado Clipe do Ano), a música ressoava como o relato possível e mais objetivo do que é o Estado brasileiro, que tem no cárcere o seu coração pulsante da gestão racial dos direitos e das violências. A música não permitia a amnésia programada sobre o Carandiru e sobre o destino dos presos, bem como insistia em apontar os efeitos corruptores da violência estatal sobre os direitos humanos.

Mais do que isso, *Diário de um detento* incidia decisivamente nas disputas do momento, especialmente naquelas em torno das políticas prisionais e de segurança pública, e alertava sobre os rumos que estavam sendo tomados pela democracia brasileira. Em tom profético, afirmava que, se o depoimento e a verdade carregada pelo detento fossem abafados, o marco de garantias e direitos inaugurados pela Constituição de 1998 seria paulatinamente corroído. O que era “periférico” no sistema jurídico se tornaria a regra, generalizando uma cultura institucional e moral de naturalização da morte, da violência, da suspensão dos direitos e de autoritarismo.

Diante do Massacre de 03 de Outubro, os Racionais decidiram agir por meio da palavra: aliviando dores, iluminando almas e interpelando o pacto constitucional. *Diário de um detento* é o ponto nodal dessa postura ética, o ultimato normativo. Nas décadas seguintes, as taxas de encarceramento, de mortes de jovens negros e de letalidade da polícia brasileira continuaram subindo de maneira vertiginosa, denotando que o Estado brasileiro e a opinião pública seguiram no caminho inverso dos conselhos deixados pelo grupo. Neste sentido, questionar os significados de *Diário de um detento* ser o último suspiro estético do preso na esfera cultural hegemônica brasileira é um exercício de refletir profundamente sobre os caminhos e descaminhos do pacto constitucional de 1988.

Considerações finais: O que Racionais tem a ver com isso?

Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho/ Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho/ (...) Não se acostume com esse cotidiano violento/ Que essa não é a sua vida/ Essa não é a minha vida, morô? (*Fórmula Mágica da Paz*. In: Racionais MC's, 1997).

Eu vou mandar um salve pra comunidade do outro lado dos muro/ As grades nunca vão prender nosso pensamento, mano (*Salve*. In: Racionais MC's, 1997).

O artigo buscou realizar uma aproximação preliminar da obra dos Racionais MC's como forma de compreender as transformações em curso na década de 1990, especialmente em torno do sistema penal e das políticas de segurança pública. Neste sentido, o cárcere emerge como espaço particular de rearticulação, sob um novo paradigma constitucional e democrático, das políticas de extermínio da população negra aplicadas historicamente pelo Estado brasileiro. No texto, este movimento se deu em três momentos. Primeiramente, localizou o contexto de emergência do rap como mais uma contracultura da modernidade produzida pela diáspora africana nas Américas. Posteriormente, esse voo panorâmico baixou asas sobre um fenômeno específico da realidade brasileira: a experiência Racionais MC's e seu respectivo impacto político cultural no Brasil pós-redemocratização. Por fim, a partir da música *Diário de um detento*, dimensionou a compreensão do grupo sobre os enganos e desenganos do pacto constitucional de 1988, no qual as prisões são alçadas ao centro do palco.

Como afirmado, o conhecimento produzido na estética dos Racionais se articula como uma verdadeira teoria social da realidade, tanto no seu sentido descritivo, como normativo. Portanto, o artigo se distancia de abordagens que apenas enxergam nas posturas e músicas do grupo um conteúdo privilegiado para acessar as “sociabilidades periféricas ou desviantes”. Ele também se afasta de leituras que confinam essa estética em um dos polos da binaridade cultura ou política. A postura descritiva e normativa do Racionais, revoada por meio dos beats libertários e utópicos de cada música, incide no cerne das disputas engendradas pelo pós-redemocratização no Brasil. Elegendo os parâmetros raciais, em um swing agonístico, como suporte do ponto de vista e como

critério central de compreensão da sociedade brasileira, os Racionais não só forneceram melhores interpretações e descrições da realidade que a ciência produzida nos salões da academia – eles enunciaram que tipo de postura e compromisso ético, do ponto de vista intelectual e político, são necessários para sobreviver no inferno. Se a palavra porta a verdade, eles deram a letra. A você cabe escolher em qual mentira seguirá acreditando ou não.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado)– Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005.
- DUARTE, Evandro Piza. *Criminologia e Racismo: uma introdução crítica à criminologia brasileira*. Curitiba: Juruá, 2017.
- DUARTE, Evandro Piza & FREITAS, Felipe da Silva. *Corpos Negros sob a Perseguição do Estado: Política de Drogas, Racismo e Direitos Humanos no Brasil*. *RDU*, Porto Alegre, Volume 16, n. 89, 2019, 156-179, set-out 2019.
- FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. *Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*. Brasília: Brado Negro, 2017.
- _____. “Democracia Genocida”. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana e FREIXO, Adriano de (Orgs.). *Brasil em Transe: Bolsonaroismo, Nova Direita e Democratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- GILROY, Paul. *Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*. Brasília, ANPOCS, n. 2, pp. 223-244, 1983.
- _____. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.), pp. 69-82, 1988.
- IPEA e FBSP. *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. [S.l: s.n.], 2008.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.

- NERIS, Natália. *A voz e a palavra do movimento negro na constituinte de 1988*. Belo Horizonte: Letramento/Casa do Direito, 2018.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério de. *O fim da Canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) FFLCH, USP, São Paulo, 2015.
- _____. O Evangelho marginal dos Racionais MC's. In: *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PINHO, Osmundo & ROCHA, Eduardo. Racionais MC's: Cultura Afro-Brasileira Contemporânea como Política Cultural. *Afro-Hispanic Review*, Vol. 30, Nº 2 (Fall 2011), pp. 101-114.
- RACIONAIS MC's. *Raio X Brasil*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993.
- _____. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.
- _____. *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia*. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.
- RAMOS, S. et al. *Mídia e Violência: o que mudou em uma década?* Centro de Estudos de Segurança e Cidadania – CESeC, Universidade Candido Mendes, 2017.
- RENTERÍA, Carlos Alberto Valderrama. Folclore, raza y racismo en la política cultural e intelectual de Delia Zapata Olivella. El campo político-intelectual Afrocolombiano. *Revista CS*, n. 12, pp. 259-296, julio-diciembre, 2013.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.